



POR QUE A NOVA ERA DA GLOBALIZAÇÃO É DIGITAL?

Anil K. Gupta e
Hayian Wang

A câmara de eco de analistas e observadores, incluindo alguns dos principais meios de comunicação do mundo, está reverberando com gritos sobre o fim da globalização. Isso é semelhante a um observador hipotético em 2000 verificando o declínio nas vendas de filmes fotográficos e lamentando o suposto fim da fotografia. As pessoas precisam voltar aos princípios originais. A globalização se refere à conexão entre as nações – seja por meio do comércio de bens físicos, comércio de serviços, fluxos de capital ou fluxos de dados. O que está acontecendo hoje – na verdade, tem acontecido nos últimos 30 anos – é a eliminação gradual da velha globalização, que se baseava principalmente no comércio de bens físicos.

A era de hoje é definida pelo rápido aumento da globalização “digital”, que é muito mais poderosa e já está contribuindo mais para o PIB global do que a velha globalização.



Existem vários impulsionadores do declínio do comércio de bens físicos.

1. O *boom* das *commodities* chegou ao fim. A energia fóssil está sendo substituída por energia renovável. Assim, os preços do petróleo vêm caindo. Lentamente, o mundo também está começando a consumir menos barris de petróleo. Uma tendência semelhante está ocorrendo com o carvão.
2. O aumento dos salários na China e em outras economias emergentes, juntamente com a crescente automação, está reduzindo a importância da arbitragem dos custos trabalhistas.
3. O aumento do comércio eletrônico e o impulso resultante para entregas rápidas e eficiências de custo estão resultando em uma mudança de cadeias de suprimentos longas para as curtas. Isso significa mais produção doméstica ou regional do que importações.
4. A pandemia e as tensões crescentes entre a China e os EUA levaram os líderes políticos a colocar muito mais ênfase na redução dos riscos da cadeia de suprimentos e dependência excessiva de produtos essenciais de fornecedores estrangeiros.

Todas essas tendências parecem seculares e, portanto, improváveis de se reverter. Os dados sobre o comércio transfronteiriço de mercadorias (como proporção do PIB global) são reveladores. Por essa medida mais importante, o comércio de mercadorias começou a declinar em 2009. Esse tipo de desglobalização é muito anterior à guerra comercial EUA-China, iniciada pelo ex-presidente Donald Trump, ou à atual pandemia.

Para situar a nova era da globalização digital no contexto da história mais ampla da globalização, é útil observar como esta evoluiu desde os tempos antigos até hoje.

É claro que, nas últimas décadas, houve um alto grau de mudança estrutural na natureza da interconexão entre os países.

A primeira era da globalização – chame-a de **Globalização 1.0** – foi a “globalização dos mercados”. Isso é o que a economia mundial testemunhou durante grande parte dos últimos 2.500 anos. Caracterizou-se por ir ao exterior em busca de novos mercados, seja para a venda de commodities ou de produtos manufaturados acabados. Pense no comércio entre a Ásia e a Europa, seja por seda, especiarias ou chá.

A segunda era, chamada de **Globalização 2.0**, refere-se à “globalização da manufatura”. Essa era surgiu por volta de 1980, com a terceirização da manufatura para a Ásia, especialmente para a China. Um desenvolvimento relacionado foi o surgimento de cadeias de valor distribuídas globalmente, por meio das quais matérias-primas, componentes e subsistemas refinados são fabricados em diferentes países para montagem em outro país para o envio final aos mercados finais. A globalização da manufatura foi adicionada como uma segunda camada do bolo no topo da globalização dos mercados.

A terceira camada, **Globalização 3.0**, refere-se à globalização dos serviços. A Índia desempenhou um papel importante na globalização de *software* e serviços relacionados. Essa era começou por volta de 1990 e foi estimulada pelo surgimento de satélites de comunicação que possibilitaram a produção de serviços baseados em tecnologia em um canto do mundo para utilização em outro canto.

A quarta camada, **Globalização 4.0**, refere-se à globalização de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento). Esse novo desenvolvimento ganhou força em meados de 1990, quando empresas como Microsoft, IBM e GE começaram a construir centros de P&D em todo o mundo.

A camada mais recente, Globalização 5.0, refere-se a fluxos de dados transfronteiriços. Esses fluxos estão sendo estimulados pelo surgimento de tecnologias digitais que também estão afetando, permeando e transformando todas as primeiras quatro camadas.

Como esta nova era de globalização está afetando as interligações entre os países? Muitos analistas interpretam de maneira desvirtuada o que está acontecendo hoje. Usando termos como “slowbalization”, eles assumem que estamos testemunhando o fim da globalização, como se a globalização estivesse morrendo.



Na realidade, a conexão global não é apenas forte, mas está se intensificando. Sim, a conexão global pelo comércio de bens, quando ajustada para o tamanho do PIB global, está se desacelerando. Porém, há uma conexão crescente por meio do comércio de serviços, estoque de investimento estrangeiro direto e movimento internacional de *know-how* e outros tipos de dados – novamente, após o ajuste para o tamanho do PIB global. Estamos agora em uma era de conexão global por dados e capital, em vez de conexão pelo comércio de bens físicos.

A globalização digital está atuando de várias maneiras.

Primeiro, considere o surgimento de nuvens globais que permitem a conectividade digital. Os três maiores serviços em nuvem – Amazon, Microsoft e Alibaba – são globais, com uma participação de mercado total de quase 80%.

Em segundo lugar, as maiores multinacionais não são mais ExxonMobil, BP e Shell ou mesmo Boeing, Unilever e P&G. Os novos gigantes globais são Apple, Microsoft, Google, Alibaba e Tencent, todos eles ativadores digitais ou empresas puramente digitais.

Terceiro, muitos produtos que historicamente eram puramente físicos estão agora se conectando digitalmente. Um carro Tesla ou um iPhone não são apenas bens físicos. Mesmo depois que o produto físico é comprado e está em uso, os serviços digitais continuam funcionando sobre os sensores e *softwares* embutidos nesses produtos. Esses serviços digitais são produzidos e fornecidos globalmente e respondem por uma parcela crescente do valor econômico do produto.

Em quarto lugar, os consumidores estão gastando uma parte maior de seu dinheiro em produtos puramente digitais e comprados e consumidos via *streaming*, principalmente em uma base internacional. Como exemplos, veja filmes, músicas e videogames.

Quinto, a pandemia da COVID-19 acelerou a tendência em curso em direção à colaboração científica transfronteiriça. Veja o desenvolvimento de vacinas. Existem, atualmente, mais de 100 esforços diferentes de desenvolvimento de vacinas em andamento, a maioria envolvendo colaboração internacional.

Finalmente, olhe para a globalização das ideias. Cada cientista que trabalha em um algoritmo de IA está explorando o mundo em busca das ideias mais recentes para incorporar no seu trabalho. Da mesma forma, novos empreendedores de tecnologia em todo o mundo rastreiam rotineiramente os tipos de negócios que estão sendo lançados e financiados no Vale do Silício.

A Globalização 5.0 é boa para a economia global? A resposta depende muito de quais países se está falando. Se considerarmos as economias ricas, você está falando sobre economias de crescimento fundamentalmente lento. Na nova era da Globalização 5.0, você tem um rápido crescimento da automação na produção de bens e serviços. Como resultado, o retorno para o conhecimento e para as pessoas que criam esse conhecimento torna-se muito alto. Há empresas superestrelas com funcionários superestrelas que são bem pagos. Mas os retornos decorrentes de atividades que usam o trabalho físico diminuem. Portanto, nas economias ricas, a Globalização 5.0 exacerba a desigualdade, com implicações bastante negativas quando a taxa de crescimento geral é baixa.

Por outro lado, o PIB dos mercados emergentes, no agregado, está crescendo 2 a 3 vezes em relação aos mercados desenvolvidos. Portanto, mesmo com a crescente desigualdade, as pessoas na base da pirâmide veem suas vidas melhorando. Além disso, nos mercados emergentes, a grande fatia da população tem tido historicamente baixo acesso ao setor financeiro, à educação, saúde e assim por diante. Essa base da pirâmide, ou mesmo o meio da pirâmide, agora se conecta à educação *online*, à telemedicina, ao setor bancário e de seguros e também ao resto do mundo. De repente, o mundo se abre para essas centenas de milhões de pessoas em mercados emergentes.



Acreditamos que, como um todo, a Globalização 5.0 é uma vantagem líquida para a economia global. Os mercados emergentes, que representam 80% da população mundial e 40% do PIB mundial, serão claramente beneficiados. Ao mesmo tempo, a Globalização 5.0 não será necessariamente boa para todos os países, especialmente para aqueles com taxas de crescimento muito baixas e com desigualdade alta e crescente.



Cada um de nós deve estar atento a essas preocupações e pensar em como combater os efeitos colaterais indesejados.

A McKinsey estima que a contribuição dos fluxos de dados transfronteiriços para o PIB mundial já excede a contribuição do comércio de bens físicos. Portanto, a última coisa que devemos fazer é lamentar o declínio do comércio de bens físicos e dizer que a globalização está morta. O que está desacelerando é a “velha” globalização por meio do comércio de bens físicos. Para parafrasear o que as pessoas dizem sobre as transições na monarquia britânica, “A velha globalização está morta. Viva a nova globalização digital”.



Anil Gupta

Professor Universidade de Maryland

Fundador, juntamente com Haiyan Wang, do Instituto China-Índia, é especialista reconhecido internacionalmente em estratégia e globalização. É professor visitante da Tsinghua University, China and Indian Institute of Technology, Bombay, foi professor do Insead e professor visitante na Stanford University and Dartmouth College. Doutor pela Harvard Business School, Anil tem M.B.A. pelo Indian Institute of Management at Ahmedabad. É reconhecido como um dos 50 pesquisadores mais influentes do mundo em temas de estratégia. Autor de aclamados livros, como *The Silk Road to Discovery*, *Getting China and India Right*, e *The Quest for Global Dominance*.



Haiyan Wang

Fundadora China India Institute

Cofundadora e sócia-gerente do China India Institute, uma organização de pesquisa e consultoria com foco na ascensão transformacional de mercados emergentes, principalmente China e Índia. Ela também atuou como Professora Adjunta de Estratégia no INSEAD. Haiyan escreve frequentemente para a Harvard Business Review e também foi colunista da Bloomberg Businessweek, bem como editora colaboradora da revista Chief Executive. Nativa da China e uma palestrante cobiçada, Haiyan foi conferencista em importantes eventos, incluindo Summer Davos, The Economist, Foreign Affairs, TEDx e Global Peter Drucker Forum.